



FOTO: LUIS COELHO

**Alice Vieira**  
escritora

## O DOM

Em hora de ponta, todas as conversas no metro são possíveis, e todas servem para esconjurar medos e crises.

— Achas que ele é o meu destino?

Tinham-se encontrado casualmente na estação de metro, quase forçado a entrada naquela hora de ponta, e logo a amiga tinha engrenado numa conversa sem fim, de alguém que tinha aparecido na sua vida mas que se calhar não era o seu destino.

Ela pensa que até é bom, neste tempo de desgraças diárias, haver ainda alguém que esteja mais interessado nos desígnios dos astros do que nos problemas terrenos.

— Vá, diz lá: achas que ele é o meu destino? – repete a amiga.

Ela limita-se a encolher os ombros.

Então a amiga desata num discurso perfeitamente ininteligível, com números e mapas e conjunções de planetas e, com o ar sério das verdades indiscutíveis, garante-lhe que nunca sabe em que tempo está, há alturas em que de repente é levada para 2034 e depois

**Ela só quer que o metro chegue depressa à estação, a uma qualquer estação, para poder sair e livrar-se de tudo aquilo.**

volta, e depois recua, às vezes recua dois e mais séculos, sempre assim.

Mas agora o que verdadeiramente a aflige é não saber se ele é ou não o seu destino.

Ela não está com grande paciência para a conversa. Para falar a verdade, preocupam-na problemas muito mais corriqueiros, se calhar a perspectiva de a empresa fechar, se calhar a renda atrasada, se calhar a prestação do carro, enfim, coisas comezinhas que não se podem comparar a altas dissertações astrais.

— Fala com ele e conta-lhe – acaba por dizer.

A outra quase grita:

— Estás louca? Contar-lhe?

E desata a explicar que não pode contar a ninguém o que se passa com ela, mas a ninguém mesmo.

— Eu tenho um dom – repete. Viajar pelo tempo é um dom que muito poucas pessoas têm, e se eu contasse diziam que era doida.

Ela sorri levemente e a amiga irrita-se:

— Estás a ver? Nem tu me levas a sério.

— É que nunca conheci ninguém que tivesse um dom.

— Mas eu tenho. Olha, há bocado, quando entrámos, eu sei que tu não deste por nada, mas posso garantir-te que eu não estava aqui! Tu a falares comigo e eu muito longe!

— Não estavas aqui? Então estavas onde? A amiga encolhe os ombros.

— Não sei. Sei que não estava aqui e sei que depois voltei. Tás a ver, agora estou aqui, mas não sei até quando.

A amiga fala muito alto, as pessoas estão todas a olhar e ela só quer que o metro chegue depressa à estação, a uma qualquer estação, para poder sair e livrar-se de tudo aquilo.

Claro que o segredo, que se quer tão bem guardado, já está espalhado e a carruagem inteira já sabe que ela tem um dom. Mas a amiga continua angustiada, será ele o seu destino? Porque se não for, diz, tem de fugir.

— Não posso partilhar com ele um dom que é só de eleitos, e ele não é um eleito.

— Eleito por quem?

A amiga explode:

— Não estás mesmo a perceber nada. Olha, adeus, saio aqui.

Ela respira aliviada. Os que continuam viagem olham para ela com ar resignado.

— Anda tudo maluco... – diz então um velho – deve ser da crise.

— O meu marido é que sabe – murmura uma senhora ao seu lado – ele diz que as pessoas andam assim por causa de uma coisa que há no ar, e que a gente respira sem dar por isso.

— Também já ouvi falar – diz o velhote – acho que é o buraco do ozono.

— Isso – diz ela, encostando a cabeça ao vidro, e fechando os olhos. A